



PSICANÁLISE

Ruggero Levy

A simbolização na psicanálise

*Os processos de subjetivação e a dimensão
estética da psicanálise*

Blucher

A SIMBOLIZAÇÃO NA PSICANÁLISE

*Os processos de subjetivação e a
dimensão estética da psicanálise*

Ruggero Levy

A simbolização na psicanálise: os processos de subjetivação e a dimensão estética da psicanálise

© 2022 Ruggero Levy

Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Jonatas Eliakim

Produção editorial Lidiane Pedroso Gonçalves

Preparação de texto Barbara Waida

Diagramação Negrito Produção Editorial

Revisão de texto Évia Yasumaru

Capa Leandro Cunha

Imagem da capa iStockphoto

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme

6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua*

Portuguesa, Academia Brasileira de Letras,

julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Levy, Ruggero

A simbolização na psicanálise : os processos de subjetivação e a dimensão estética da psicanálise / Ruggero Levy. – São Paulo : Blucher, 2022.

338 p.

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-437-7

1. Psicanálise. 2. Simbolismo (Psicologia).
3. Freud, Sigmund, 1856-1939. I. Título.

22-4344

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

Conteúdo

Agradecimentos	7
Apresentação	9
<i>Giuseppe Civitarese</i>	
Prefácio	19
Introdução	23
Parte I. Conceituação dos processos simbólicos na psicanálise	29
1. O símbolo: aspectos gerais	31
2. Simbolização: alguns pontos de contato entre a filosofia e a psicanálise	39
3. A simbolização no alvorecer da psicanálise	49
4. Rumo a um conceito mais amplo de símbolo	79

5. Os contemporâneos: Bion, Meltzer, Winnicott e contribuições posteriores 109

Parte II. Não simbolizações e transformações em intimidade 153

6. As não simbolizações: um mapeamento metapsicológico dos antissímbolos e das “dessimbolizações” 155

7. O vazio nos processos simbólicos 187

8. A polifonia da psicanálise contemporânea: criando andaimes ao pensar 197

9. Verdade e a dimensão estética da psicanálise 225

10. A construção da experiência de intimidade no processo analítico por meio da experiência estética: transformações em intimidade 255

11. A intuição do paradigma estético em Freud?: reflexões acerca do paradigma estético da psicanálise e ampliações da metapsicologia 283

Parte III. Adolescência 295

12. A adolescência 297

13. Adolescência: o reordenamento simbólico, o olhar e o equilíbrio narcísico 321

PARTE I

Conceituação dos processos
simbólicos na psicanálise

1. O símbolo: aspectos gerais

Inicialmente, é necessário realizar algumas definições conceituais, visto que o assunto do simbolismo e da simbolização transcende a psicanálise e esses termos muitas vezes se referem a conceitos diferentes. Mesmo dentro da própria psicanálise, há diferenças no emprego dessa terminologia. Como veremos, depois das contribuições kleinianas, o conceito adquiriu uma amplitude muito maior, algumas vezes às custas de alguma imprecisão.

Vários autores (Jones, 1916/1925; Green, 1975/1994; Laplanche & Pontalis, 1982/1997) remontam o termo “símbolo” à definição grega de *symbolon*, que consistia num objeto cortado em duas partes portado por duas pessoas pertencentes a uma mesma seita que se separavam e, portanto, num signo de reconhecimento no momento que seus portadores se reencontravam e podiam reunir os pedaços. Ou seja, o *symbolon* denotava a *ligação* entre aqueles dois sujeitos.

Outra origem interessante do termo símbolo é dada por Jones (1916/1925). Ele afirma que em grego, “simbolizar” significava *reunir, mesclar*, e que a raiz do termo em sânscrito (*gal*) designava a

reunião de diversos rios, um estuário. Isso é extremamente interessante, pois é justamente o que encontramos em diversas simbolizações: a reunião, a confluência de diversos significados que deságuam em determinado símbolo.

No *Vocabulário de psicanálise*, de Laplanche e Pontalis (1982/1997), vemos que é possível usar o conceito de simbolismo em psicanálise em sua forma ampla ou em sua forma restrita e que Freud geralmente o utilizava na forma restrita. Assim diz o dicionário:

a) Em um sentido amplo, modo de representação indireta e figurada de uma idéia, de um conflito, de um desejo inconsciente; nesse sentido podemos considerar simbólica em psicanálise qualquer formação substitutiva. b) Em sentido restrito, modo de representação que se distingue pela constância da relação entre símbolo e simbolizado inconsciente; essa constância encontra-se não apenas no mesmo indivíduo e de um indivíduo a outro, mas nos domínios mais diversos (mito, religião, folclore, linguagem, etc.) e nas áreas culturais mais distantes entre elas. (p. 41, grifos meus)

Assim, já temos algumas definições quanto ao que chamamos símbolo. Na definição do dicionário não psicanalítico, o conceito de símbolo se atém a dizer que este substitui alguma coisa abstrata ou ausente (Aurélio Digital, 2010) na definição de símbolo em psicanálise o “ausente” deverá incluir a noção de inconsciente: seja uma ideia inconsciente ou um desejo reprimido, que serão simbolizados por algo; seja uma elaboração inconsciente da ausência de algum objeto que poderá ser substituído por um símbolo.

Entretanto, como veremos ao longo deste capítulo, mesmo em se tratando do conceito de símbolo psicanalítico, há uma grande

variação na sua conceituação e, talvez maior ainda, acerca de sua criação, ou seja, do processo de simbolização. Por exemplo, Freud e Jones entendiam o símbolo em seu sentido restrito, supraindividual, coletivo, de significado constante, enquanto para Meltzer ele é altamente individual, pessoal, idiossincrático.

Laplanche (1980/1988) faz algumas críticas ao posicionamento de Freud, dizendo, a partir da discussão sobre o significado da circuncisão, tratar-se de uma concepção pré-psicanalítica da simbolização. Diz que essa teoria da simbolização considera o símbolo e o que ele simboliza dois termos numa correspondência biunívoca, isto é, uma teoria do símbolo como simples designação de um objeto determinado, desprezando o que se sabe sobre as cadeias múltiplas e a trama complexa que se tece entre símbolo e simbolizado. Cita o próprio Jones para mostrar como os vínculos entre símbolo e simbolizado não são biunívocos, mas se constituem numa rede de cadeias associativas: semelhança de totalidade, de parte com parte, vínculos por metonímia (a parte simboliza o todo), vínculos pelo contrário. Essa riqueza de cadeias associativas foi mostrada, pelo próprio Freud, em relação sonho, em que cada elemento pode remeter a uma multidão de cadeias associativas, embora Freud não utilizasse o conceito de símbolo para essas representações. Veremos isso mais adiante.

Assim, tomando a circuncisão como objeto de estudo, Laplanche mostra que ela se torna um símbolo complexo encerrando em si mesma relações de analogia (já que a castração e a circuncisão são dois atos análogos já que causam uma amputação); de metonímia, já que a parte (prepúcio) é tomada pelo todo (pênis); mas também de oposição, porque a extirpação do prepúcio é entendida como eliminando o “feminino” do pênis. A circuncisão, então, encerra uma simbolização do duplo significado da ameaça de

castração e, ao mesmo tempo, uma “masculinização”, por meio da exérese do que seria “feminino”.

Toda simbolização introduz uma nova ordem, pois, quando se simboliza, não se introduz apenas um novo símbolo, mas todo um novo conjunto simbólico. Simbolizar é fornecer uma nova interpretação, o que não encerra a ambiguidade nem a possibilidade de novas interpretações. O novo símbolo terá vários sentidos (Laplanche, 1980/1988). Passo a passo, tentaremos compreender cada uma dessas conceituações.

Talvez o ponto comum entre as várias conceituações de símbolo e simbolização em psicanálise seja que a produção e a utilização do símbolo psicanalítico são inconscientes, bem como aquilo que é simbolizado. Blum (1978) propõe um espectro de simbolização que começa no pensamento abstrato e conceitual consciente, passa pelas expressões alegóricas das metáforas pré-conscientes e chega ao simbolismo inconsciente. A sua proposta combina num marco único as noções não analíticas usuais de simbolismo e o simbolismo psicanalítico propriamente dito. Aventa a possibilidade de que o mesmo mecanismo ou processo que conduz aos símbolos psicanalíticos esteja relacionado com o processo simbólico que resulta na linguagem humana. Alerta, entretanto, que as diferenças são tão grandes entre os dois tipos de processos simbólicos que não lhe parece útil colocar as duas formas simbólicas num *continuum*, embora elas devam ter se originado de uma matriz comum, indiferenciada, protossimbólica. Ele acha que imaginar uma função simbólica única tira a ênfase das formações inconscientes e das características do simbolismo psicanalítico. Como veremos a seguir, essa forma de entender a cadeia simbólica se aproxima da proposta bioniana evidenciada na Grade de Bion (1965/2004), que organiza os pensamentos em níveis que vão do concreto (elementos beta) até os níveis mais abstratos (o cálculo algébrico).

Outra diferenciação que talvez caiba fazer é entre símbolo, signo e metáfora. O símbolo não só representa um elemento ausente como traz consigo um intercâmbio de significados. Meltzer (1984) vai adiante e diz que esse significado que é intercambiado enriquece os dois elementos presentes na simbolização, o símbolo e o simbolizado. Então, por exemplo, se para um paciente o “guri leproso” simbolizava seu sentimento de pequenez e de pele incontinente, podemos ver que tanto a ideia da lepra enriquece a ideia de pele incontinente, na medida em que lhe transfere um significado de doença, talvez progressiva, repulsiva; como a ideia de pele incontinente enriquece a ideia de lepra na medida em que lhe transfere a noção da angústia de perder os limites corporais.

Já no que diz respeito ao signo, ele é entendido quase como um sinal convencionado para indicar algo. Pode-se diferenciar entre o uso de signos e de símbolos da seguinte forma: os signos são elementos que indicam ou conduzem a uma reação determinada quando foram associados, por concomitância, a determinados estímulos (Langer, 1941/1989). São o início da inteligência e a primeira manifestação da mente. O animal desenvolve uma linguagem de signos, aprendida pelo método de tentativa e erro, que lhe assinala as reações mais adequadas para suas funções biológicas. Logo, até a mente animal funciona por meio de uma semântica primitiva em que alguns fenômenos são signos de outros.

O homem pode fazer um uso diferenciado dos signos: pode usá-los para indicar coisas como os animais, e também pode transformar um signo num símbolo. Para um animal, determinada palavra é sinal da presença de algo ou de uma ação imediata; para um ser humano, pode ser uma forma de falar sobre algo ausente e, assim, representar aquele objeto. Só que os signos usados dessa forma são símbolos (Langer, 1941/1989). Por exemplo, uma placa de trânsito, primariamente um signo, pode, para alguém, vir a

ser um símbolo de determinada experiência altamente significativa emocionalmente: pode representar um acidente, uma situação amorosa, carregando consigo um significado emocional altamente pessoal e idiossincrático.

Para Cassirer (1944/1997), símbolo e sinal pertencem a dois universos diferentes do discurso: “um sinal faz parte do mundo físico do ser; um símbolo é parte do mundo humano do significado. Os sinais são ‘operadores’ e os símbolos são ‘designadores” (p. 58). Um sinal ou signo tem um sentido fixo e singular, ligado à coisa à qual se refere, enquanto “um símbolo humano genuíno não é caracterizado por sua uniformidade, mas por sua versatilidade” (p. 65).

Fazer essa diferenciação não tem uma finalidade apenas acadêmica, mas uma utilidade clínica relevante que será explorada mais profundamente ao final do trabalho. É importante, por exemplo, fazer uma distinção entre formação simbólica e pensamento criativo, de um lado, e um uso “computadorístico” de signos e uma utilização simplificada de experiências e ideias recebidas do passado, de outro. “A criação de símbolos idiossincráticos, por oposição à manipulação de signos convencionais, constitui um divisor de águas entre o crescimento da personalidade e a adaptação” (Meltzer, 1988/1995, p. 35). Ou, se preferirmos, entre uma vida criativa e uma vida operatória. Retornaremos posteriormente a esse aspecto essencial do funcionamento mental e da psicopatologia.

Para terminar este capítulo, talvez caiba mencionar outras formas de representação indireta, como a analogia, a metonímia e a metáfora. Na analogia se estabelecem relações de semelhança entre os dois termos comparados. Na metáfora, parte-se de uma comparação e suprime-se um dos dois termos comparados. Então, em vez de se dizer a raposa é esperta, João é esperto, logo, João é uma raposa, diz-se direto: João é uma raposa. Usa-se uma

metáfora a fim de economizar na descrição de atributos e adjetivos de determinada expressão, destacar algum atributo em especial e causar de imediato um impacto afetivo sobre o interlocutor. Segundo Jones (1916/1925), na medida em que apela a um elemento mais concreto, visual, utiliza-se de um elemento mais primitivo e, portanto, mais próximo dos afetos. Por fim, na metonímia, utiliza-se uma parte para representar o todo. Uma escultura, por exemplo, pode-se dizer que é um bronze. Seguidamente, essas relações de analogia, metáfora e metonímia são realizadas consciente ou pré-conscientemente. Entretanto, penso que mesmo no processo de simbolização inconsciente varia o tipo de relação entre os dois termos, podendo ser uma simbolização por analogia, metonímia ou metafórica.

Referências

- Aurélio Digital (2010). Símbolo. In *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (5. ed.). Desenvolvido por Snowman Labs.
- Bion, W. R. (2004). *Transformações: Do aprendizado ao crescimento* (2. ed.). Rio de Janeiro: Imago. (Publicado originalmente em 1965)
- Blum, H. P. (1978). Symbolic process and symbol formation. *Int. J. Psychoanal.*, 59, 455-471.
- Cassirer, E. (1997). *Ensaio sobre o homem: Introdução a uma filosofia da cultura humana*. São Paulo: Martins Fontes. (Publicado originalmente em 1944)
- Green, A. (1994). El analista, la simbolización, y la ausencia en el encuadre analítico. In A. Green, *De locuras privadas*. Buenos Aires: Amorrortu. (Publicado originalmente em 1975)

- Jones, E. (1925). La théorie du symbolisme. In E. Jones, *Traité théorique et pratique de psychanalyse*. Paris: Payot. (Publicado originalmente em 1916)
- Langer, S. (1989). *Filosofia em nova chave*. São Paulo: Perspectiva. (Publicado originalmente em 1941)
- Laplanche, J. (1988). *Problemáticas II: Castração, simbolizações*. São Paulo: Martins Fontes. (Publicado originalmente em 1980)
- Laplanche, J., & Pontalis, J.-B. (1997). *Vocabulário de psicanálise* (Daniel Lagache, Dir.). São Paulo: Martins Fontes. (Publicado originalmente em 1982)
- Meltzer, D. (1984). *Vida onírica*. Madrid: Tecnipublicaciones.
- Meltzer, D. (1995). *A apreensão do belo*. Rio de Janeiro: Imago. (Publicado originalmente em 1988)

2. Simbolização: alguns pontos de contato entre a filosofia e a psicanálise

Não se pretende, neste capítulo, fazer uma revisão extensa das contribuições da filosofia ao conceito de simbolização. Entretanto, é interessante fazer uma pequena incursão revisando pelo menos dois autores, Cassirer e Susanne Langer, pela riqueza de sua contribuição e pela influência que tiveram sobre o pensamento psicanalítico, especialmente de Bion e Meltzer. Evidentemente, uma revisão mais consistente das contribuições da filosofia deveria incluir pelo menos Kant, por ser um interlocutor de Freud muitas vezes e pela influência de seu pensamento sobre Bion; deveria incluir também Heidegger, pelos pontos de contato entre suas ideias e o pensamento winnicottiano (Loparić, 1997). Deixo isso para outro trabalho, ou para outro colega mais capacitado que eu nessa área.

Cassirer (1944 /1997), em seu livro *Ensaio sobre o homem*, procura uma unidade na busca de algo que explique o “real caráter geral da cultura humana” (p. 43). Para isso, destaca a preocupação constante dos filósofos em descobrir a natureza do homem e afirma que o conhecimento de si mesmo é o objetivo da indagação filosófica.

Sócrates inaugura a visão antropológica da filosofia, procurando definir a natureza do homem. Tenta fazer isso por meio da descrição de suas virtudes (bondade, coragem, justiça etc.), pois acredita que a natureza do homem não pode ser detectada como a das coisas físicas. O que é realmente interessante é a colocação de Cassirer de que “o caráter do homem só pode ser compreendido nas suas relações imediatas com outros seres humanos” (p. 16). A verdade do homem deixa de ser entendida como algo que pode ser apreendida pelo pensador individual e passa a ser algo tangível no confronto, no diálogo, no pensamento dialógico ou dialético. “Só pode ser obtida mediante cooperação dos sujeitos em interrogação e resposta mútuas” (p. 17). Essas ideias são dignas de destaque pela sintonia com a valorização da construção intersubjetiva do significado na psicanálise para descobrir a natureza do inconsciente, nosso e de nossos pacientes.

No século XIX, Darwin, com seu livro sobre a evolução das espécies, coloca a biologia como a ciência hegemônica para a compreensão da inserção do homem na natureza (Cassirer, 1944/1997). A teoria da evolução das espécies coloca o homem numa linha contínua de evolução da vida, mas resta a questão a resolver quanto à *cultura humana*: como a compreendemos? “Será o mundo cultural, como o mundo orgânico, formado por mudanças acidentais?” (p. 38). A partir daí, desenvolvem-se, nos séculos XIX e XX, vários sistemas filosóficos (Nietzsche, Freud, Marx) para compreender o que põe o nosso pensamento e a nossa vontade em movimento, produzindo cultura como resultado. Perde-se um pensamento central (metafísico, teológico, matemático, biológico), caindo-se numa completa diversidade de pensamentos, cada área abordando o problema desde seu ponto de vista.

O ponto de vista que Cassirer desenvolverá – e que, por sua natureza, encontra-se tão extensamente citado neste capítulo – é que

o símbolo é a chave para compreender a natureza do homem. Dirá que no homem, além dos sistemas receptor e efetor, encontrados em todos os animais, existe o *sistema simbólico*, que indica uma mudança qualitativa na evolução da espécie humana. Esta aquisição transformou o conjunto da vida humana.

Veremos o quanto isso se aproxima das ideias defendidas por Freud em “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental” (1911/1969). “Existe uma diferença inconfundível entre as reações orgânicas e as reações humanas” (p. 48). A reação humana é mediada, “retardada por um longo, lento e complicado processo de pensamento” (p. 48). As últimas duas frases pertencem a Cassirer (1944/1997), mas poderiam ser confundidas com as de Freud no trabalho mencionado, como a afirmação de que a “linguagem, primariamente, não exprime pensamentos ou ideias, mas sentimentos e afetos” (p. 49), que poderia ser confundida com as afirmações de Bion que serão debatidas mais adiante.

A linguagem, o mito a religião e a arte são maneiras encontradas pelo homem para organizar seus sentimentos, desejos e pensamentos. A partir da análise dessas linguagens é possível construir uma teoria sobre o homem. O que é distintivo do homem em relação aos outros habitantes do planeta não é a sua natureza metafísica ou física, mas o seu trabalho, aquilo que ele produz: sua linguagem, seus mitos, sua religião, a arte, a ciência e a história. Essas produções estão unidas por um fio comum que é a produção de símbolos.

É também muito impressionante o quanto essa visão do homem coincide com as contribuições mais atuais de historiadores e antropólogos, como Yuval Harari (2020) em seu livro *Sapiens*. Baseado em várias evidências, Harari desenvolve a tese que o *Homo sapiens* prevaleceu sobre várias espécies de homínídeos que conviveram na mesma época, pois, graças à sua capacidade simbólica,

pôde construir mitos que eram compartilhados por grupos crescentes de indivíduos e, portanto, mais poderosos que outros grupos que não tinham essa capacidade. E também porque puderam começar a elaborar planos mais sofisticados de caça.

Traçando uma linha divisória entre o pensamento dos animais e do homem, o animal não compara duas coisas entre si, tampouco as confunde; não pensa *sobre* isso, mas apenas *isso* (Cassirer, 1944/1997). Ou seja, o animal não se coloca com distanciamento, discriminando o *self* do objeto do pensamento para julgá-lo ou compará-lo: simplesmente pensa o objeto no terreno do sensorial, do concreto. Também no desenvolvimento do indivíduo humano teremos uma evolução que vai de uma atitude concreta, sensorial, pragmática, a uma atitude simbólica, e aí temos um consenso entre a filosofia e a psicanálise. Confirmando isso, todos temos pacientes que, tendo dificuldade de ingressar no mundo simbólico, viverão no automatismo, e constataremos que, na sua maneira de se comportar, vivem num mundo de sinais, simplesmente operando, como se os fatos não tivessem significado simbólico para eles. E nos dirão: “Simplesmente fiz, não sei se significa isto ou aquilo, mas se tu estás dizendo...”

A descoberta do universo simbólico representa uma revolução mental por abrir novos horizontes, introduzindo o sujeito num mundo que transcende o mundo das coisas concretas, limitado às próprias coisas. Introduz o sujeito num mundo sem limites que é o do pensamento criativo, da criatividade humana, da cultura humana. “Uma vez de posse dessa chave mágica (a palavra), a continuação do progresso do homem está garantida” (Cassirer, 1944/1997, p. 63).

Um dos problemas dos quais a psicanálise passou a se ocupar é justamente este: em indivíduos nos quais houve um prejuízo ao desenvolvimento da função simbólica, ou um ataque a esta

como forma de fuga da realidade interna (Bion, 1957/1988), temos uma mente que não pode crescer e se desenvolver. A apreensão do mundo interno e externo – com a finalidade de ser pensado, não apenas sentido – ocorre mediada pelo símbolo. Se a produção dele está prejudicada, haverá uma dificuldade ou incapacidade de pensar sobre si e sobre o mundo.

Finalmente, Cassirer define que o *espaço abstrato*, característico do homem, não tem nada a ver com o espaço dos sentidos. É um espaço simbólico, construído pela apreensão das relações abstratas entre as coisas. A geometria é um exemplo característico desse espaço. Muda-se o conceito de verdade, pois nele não estamos lidando com a verdade das coisas, mas com a verdade de proposições e juízos.

Na medida em que a psicanálise lida essencialmente com o espaço abstrato, simbólico, seus fenômenos definitivamente não pertencem ao domínio dos fatos, do mundo dos sentidos. Logo, o positivismo que se propõe a lidar essencialmente com fatos reais, não dá conta do objeto da psicanálise. Será preciso uma nova epistemologia que possa lidar com a verdade não como correlação aos fatos, mas como consenso simbólico (Rezende, 1997), como será estudado mais profundamente no capítulo acerca da construção da verdade possível em psicanálise.

Mesmo que entre animais superiores exista uma diferenciação individual (coisa que parece não existir em animais inferiores), com capacidades maiores em determinado indivíduo de uma espécie, essas capacidades não se transmitirão à espécie por uma incapacidade biológica e desaparecerão com a morte desse indivíduo. As capacidades do homem, mesmo que sujeito à mesma lei biológica, poderão sobreviver ao indivíduo na medida em que ele expressa e registra simbolicamente suas obras (Cassirer, 1944/1997). “Tomada como um todo, a cultura humana pode ser

descrita como um processo da progressiva autolibertação do homem. Nas várias formas culturais, o homem descobre e experimenta um novo poder – o poder de construir um mundo só dele, um mundo ideal” (p. 371). Isso é válido também para o indivíduo: a capacidade de produzir símbolos que deem significado às suas experiências liberta o sujeito e lhe dá a sensação de poder, por habilitá-lo a construir um mundo só seu – o mundo onírico, na acepção de Meltzer (1984).

Marilsa Taffarel (1997) faz um interessante estudo de correlação entre a concepção de subjetividade na psicanálise e as contribuições de Cassirer, especialmente as de seu primeiro livro, *Filosofia das formas simbólicas*. Acha que as contribuições de Cassirer estão em maior sintonia com as contribuições de autores kleinianos.

Como veremos mais adiante, há uma correlação muito grande entre as ideias de Cassirer e as concepções kleinianas da simbolização, uma vez que, especialmente a partir de Segal (1957/1982), na teoria kleiniana se definem dois tipos claros de simbolização: a equação simbólica e o símbolo propriamente dito. Esta autora é quem faz claramente essa diferenciação. É somente na posição depressiva que poderá se originar o símbolo propriamente dito, fruto de diversas separações; o *self* compreende que o símbolo apenas representa o objeto, não o é, e suporta esta dor depressiva. Como em Cassirer, é concebida uma evolução que vai do concreto ao abstrato, o que será amplamente desenvolvido nas contribuições bionianas.

As contribuições de Susanne Langer (1941/1989) em seu livro *Filosofia em nova chave*, destacando a importância da simbolização na compreensão do homem, são tão relevantes quanto as de Cassirer. Diz ela que a moderna psicologia (a psicanálise) e a moderna lógica se desenvolveram além de suas expectativas pela descoberta que fizeram do poder da simbolização. Faz uma

consideração epistemológica que interessa sobremaneira aos psicanalistas, afirmando que, se seguirmos os métodos científicos das ciências naturais, nos aproximamos da histologia, da fisiologia, da genética, da bioquímica; mas, se quisermos estudar a mente humana, ao usar esses métodos, nos afastamos cada vez mais daquilo de que deveríamos nos aproximar. O esquema científico do físico que tanto seduz os “psicólogos” é inútil para o estudo dos fenômenos mentais.

A nova preocupação com a simbolização, tanto por parte da epistemologia como pela psicanálise, mesmo que lidem com conceitos de símbolo diferentes, ajuda a iluminar a questão do funcionamento da mente humana, da “*resposta humana ao mundo*” (Langer, 1941/1989, p. 35).

A descoberta da importância da função simbólica no homem abalou o conceito de inteligência: não é uma memória prodigiosa, ou uma velocidade mental superior, ou uma percepção extremamente sensível (achados frequentemente em animais) que torna o homem mais inteligente, mas é sua capacidade de operar com símbolos, de falar, registrar, criar cultura, que designa sua superioridade sobre os outros animais. “Assim, nosso interesse pela mente deslocou-se cada vez mais da aquisição da experiência, o domínio do sentido, para os *usos* dos dados sensoriais, o reino da concepção e da expressão” (p. 38).

“A importância do emprego do símbolo, se admitida, logo se faz central no estudo da inteligência, pois, o ato essencial do pensamento é a simbolização (Ritchie citado por Langer, 1941/1989, p. 38). Passa-se a considerar que a chave, a via de acesso, para compreender a vida mental que é caracteristicamente humana, não animal, é a simbolização. Isso é centralmente importante, pois interliga a capacidade de criar e operar com símbolos com a inteligência do indivíduo, explicando por que temos a impressão de

pouca inteligência em pacientes que apresentam dificuldades na capacidade simbólica.

O que mais impacta nas contribuições de Langer é sua conexão quase imediata com as ideias de Bion. Acredita que o homem possui *uma necessidade básica, que é a necessidade de simbolização, essencialmente humana*. Uma simbolização que pode ser tosca, primitiva, mas que deve existir.

A função de fazer símbolos é uma das atividades primárias do ser humano, da mesma forma que comer, olhar e andar. É o processo fundamental de sua mente e funciona o tempo todo. Às vezes estamos cômicos dele, às vezes, deparamos meramente com seus resultados, e compreendemos que certas experiências passaram por nosso cérebro e foram ali digeridas. . . Pois se o material do pensamento é o simbolismo, então o organismo pensante deve estar sempre fornecendo versões simbólicas de suas experiências a fim de que o pensar prossiga. Na realidade, a simbolização não é o ato essencial do pensamento, ela é essencial ao pensamento, é anterior a ele. A simbolização é o ato essencial da mente e a mente acolhe mais do que é comumente denominado pensamento. (p. 51)

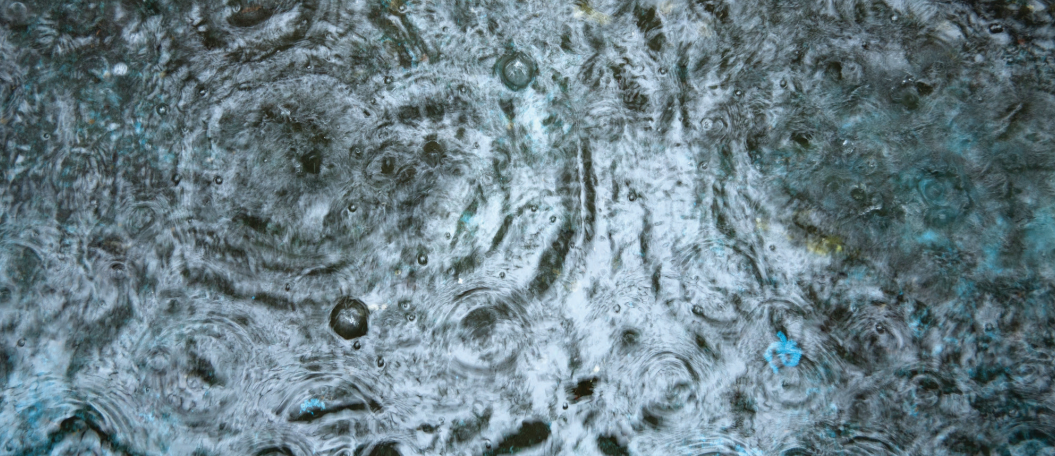
Langer (1941/1989) compreende o cérebro muito além de sua função ligada ao fisiológico; compreende-o como um órgão que está sempre em atividade, como coração, pulmões, rins, “seguindo sua própria lei, traduzindo ativamente suas experiências em símbolos” (p. 52), executando constantemente um processo de ideação. O cérebro, para ela, é um fazedor de símbolos, ideia aliás que será partilhada por Bion e Meltzer.

Para concluir este tópico, destaco sua concepção de que “a simbolização é pré-raciocinativa, mas não pré-racional. É mais geral (e anterior, eu diria) que o pensar, fantasiar ou empreender ação . . . Cada percepção é sugada pela corrente de símbolos que constitui a mente humana” (p. 52).

Referências

- Bion, W. (1988). Diferenciação entre a personalidade psicótica e não-psicótica. In *Estudos psicanalíticos revisados*. Rio de Janeiro. (Publicado originalmente em 1957)
- Cassirer, E. (1997). *Ensaio sobre o homem: Introdução a uma filosofia da cultura humana*. São Paulo: Martins Fontes. (Publicado originalmente em 1944)
- Freud, S. (1969). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XII). Rio de Janeiro: Imago. (Publicado originalmente em 1911)
- Harari, Y. N. (2020). *Sapiens: Uma breve história da humanidade*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Langer, S. (1989). *Filosofia em nova chave*. São Paulo: Perspectiva. (Publicado originalmente em 1941)
- Loparić, Z. (1997). O Édipo de Freud a Bion. *Boletim Científico da SPRJ*, 18(3), 375-381.
- Meltzer, D. (1984). *Vida onírica*. Madrid: Tecnipublicaciones.
- Rezende, A. M. (1997). *Investigação em psicanálise: Uma procura da verdade*. Palestra proferida no Encontro de Ribeirão Preto, comemorando o centenário do nascimento de Bion.

- Segal, H. (1982). Notas a respeito da formação de símbolos. In H. Segal, *A obra de Hanna Segal: Uma abordagem kleiniana à prática clínica*. Rio de Janeiro: Imago. (Publicado originalmente em 1957)
- Taffarel, M. (1997). A subjetividade básica na psicanálise e na “Filosofia das formas simbólicas”. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 31(2), 47-57.



Seguindo os passos do filósofo Ernst Cassirer, que descreveu o ser humano como um animal simbólico, Levy conduz os leitores a uma viagem extraordinária ao coração da teoria psicanalítica contemporânea ao examinar o papel central que os processos simbólicos – suas vicissitudes, possibilidades e fracassos – desempenham no funcionamento psíquico, no desenvolvimento emocional, na formação do *self* e na ação terapêutica do processo analítico. Leitores de diversos níveis sairão com um senso aprofundado da aplicabilidade, poder e evolução contínua da teoria e prática psicanalítica no século XXI.

Howard B. Levine, MD, Editor-in-Chief

The Routledge W.R Bion Studies Series

PSICANÁLISE

ISBN 978-65-5506-437-7



9 786555 064377



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

A simbolização na psicanálise

Os processos de subjetivação
e a dimensão estética da psicanálise

Ruggero Levy

ISBN: 9786555064421

Páginas: 330

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2022
